

COROS DE ANJOS

Cheryl Gochnauer

O Natal no asilo não foi tão ruim assim, pois ela estava fazendo novos amigos. Quando as crianças vieram cantar canções natalinas, ela usou a bengala para caminhar cuidadosamente até a sala de almoço a fim de ouvir a música alegre e jovial, mas um pouco abemolada, suave demais.

Ela amava observar o rosto radiante das crianças, lembretes formidáveis de juventude e energia. Nos dias após a apresentação, ela repassava a cena em sua mente e cantarolava as canções, enquanto se preparava para celebrar o nascimento de seu Senhor.

Anos depois, ela, em uma cadeira de rodas, foi levada à sala de almoço por sua enfermeira para escutar os pequenos anjos cantar. Como muitas outras mulheres do asilo, ela esperava ansiosamente pela visita anual das crianças. À enfermeira, por algumas semanas, tinha de lhe entregar o calendário para que, assiduamente, pudesse riscar os dias até a chegada das crianças. Ela não estava desapontada: os rostos eram diferentes e as canções, como de costume, desafinadas, mas o coração dessas crianças transbordava de afeição. Ela absorvia tudo, saboreando os sorrisos por muito tempo, até bem depois de terem partido.

A cada ano, pedia que a enfermeira a colocasse mais perto do coral, uma vez que as vozes estavam ficando cada vez mais distantes. Depois, houve a apresentação em que já não conseguia mais ouvir as crianças, embora ainda apreciasse ler os lábios e ver as faces expressivas, formando as palavras das canções que cantava em sua mente.

No entanto, à medida que o tempo passava, até mesmo o resto das crianças tornou-se pouco visível. Seus olhos a traíam, e ela ficou perdida em um mundo vago, com sons e imagens indistintos. Um dia, sua enfermeira gritou algo em seu ouvido – o som era fraco e abafado, mas mesmo assim ela pôde entender que ela acabara de fazer o convite para a apresentação das crianças.

- Não - respondeu ela. – Não quero ir.

Não quero olhar essas crianças me encarando, pensou ela. Não consigo andar; nem escutar e, tampouco, ver. Elas me ignorarão, pois sou uma coisa velha sem utilidade, que fica sentada nesta cadeira de rodas. Não, eu

realmente não quero ir.

Desanimada, percebeu que estava sendo levada para fora de seu quarto. Sentiu vontade de gritar: “Leve-me de volta!”, pois recordava dos espetáculos que presenciou antes de perder a visão, em que pessoas idosas como ela faziam o papel de tolas, gritando nos halls. Ela puxou o xale para que ficasse mais próximo a seu corpo e deixou a cabeça pender, desamparada.

Ela percebeu a imensidão da sala de almoço e sentiu a cadeira de rodas ser travada. Apesar de si mesma, após alguns minutos, começou a visualizar um coral, um conglomerado de centenas de faces de crianças, em que cada uma cantava ou tocava cuidadosamente sua música.

Vozes doces, suaves, ainda preenchiam sua mente, quando se lembrava de uma canção. Cantarolando suavemente para ela mesma, sorriu à medida que seu coração se enchia de emoção.

Antes que pudesse reprimi-la, uma lágrima escapou de seus olhos cegos. E, a seguir, algo aconteceu.

Uma pequena mão enfiou-se na sua e à apertou. Esse precioso toque foi como se o Senhor tivesse se transformado uma vez mais no menino Jesus. Ela esticou os braços e passou os dedos suavemente sobre o rosto da criança, tocando o arco de um amplo sorriso.

Abraçando-a, ela exclamou: “Deus o abençoe! Feliz Natal!”.

E foi mesmo feliz.